

**Resumo:** Esta comunicação tem como objetivo a análise da categoria texto, pensando-o como atividade interativa, com o que se realiza a interlocução dos usuários, fazendo de tal atividade uma experiência que materializa a ação enunciativa-discursiva da linguagem. Aí, o objetivo reside, mais especificamente, na análise do movimento dialógico da linguagem como fator constituinte do objeto gênero textual e, especificamente, como constituinte que atua na seleção de uso dos fatos gramaticais. Toma-se, particularmente, a sintaxe das orações como objeto privilegiado de observação, fazendo-se pensar, pois, exploratoriamente, na força do dialogismo como critério que possibilita uma análise do fato gramatical em uso, no funcionamento do texto.

**Abstract:** The object of this paper is textual analysis, text being thought of as an interactive activity between users. This activity is here seen as a kind of experience that makes possible the enunciative and discursive action of language. The paper thus discusses the dialogic movement as a constituent factor of the textual genre and, particularly, as a constituent that plays a part in grammatical choice and usage. Within this general scheme, the syntax of clause patterns here comes out as the main object of systematic observation, so that the strength of the dialogic principle is explored as a criterion for the understanding of the grammatical fact involved in the working of the text.

## 1. Introdução

Este texto pretende operar com a exploração do pressuposto teórico de que a seleção dos fatos gramaticais, na prática da comunicação, sofre a determinação das exigências de gênero textual. (BAKHTIN, 1997)

Assim pensando, procura-se observar a concretização de tal pressuposto em ocorrências empíricas (Anexo 1) que materializam a linguagem de uso do gênero Divulgação Científica (DC) em suporte jornalístico brasileiro de circulação nacional. Considera-se, aqui, esse gênero, observando-o na variedade particular que pratica a disseminação da informação científica para um público considerado leigo, ou não-especialista, em Ciência.

## 2. Desenvolvimento

A partir do quadro introdutório em que se esboça a relação da noção de gênero textual, comunicação e gramática, é necessário que se explicitem e delimitem, de modo particular, algumas direções teóricas.

De início, importa considerar a categoria texto como atividade de interação que contempla, enquanto atividade, uma ação de linguagem que implica não só a determinação de quem escreve, ou fala, mas ainda a determinação seja daquele que lê, seja daquele que ouve, o que faz da prática comunicativa uma experiência de mediação. Um texto, assim, se constitui como operação de linguagem que traz materializadas, no corpo simbólico, as determinações recíprocas do locutor e do alocutário. Nesse sentido, o texto se realiza, de modo particular e coletivo, como ponte, ou como ação de linguagem, construída não só por quem está numa das extremidades da mediação, mas ainda por quem está na outra. (BAKHTIN, 1979)

Em seguida, pensando que o texto se constitui como ação simbólica e que tal ação ocorre na relação do locutor com o alocutário, a atividade textual é considerada como expressão material da realização enunciativa dos interlocutores. E pensando que tal ação ocorre pela determinação recíproca que aí acontece, a prática da interlocução se constitui como experiência enunciativa e discursiva onde se desenha o projeto da relação das instâncias de produção de sentido do texto: aquele que diz, da posição de *um* e aquele que é dito a partir dessa posição, com as marcas da projeção aí delineada e reconhecido, como tal, na posição de *o outro*.

Pensando, ainda, que o locutor, ao ocupar a posição de *um*, determina para o interlocutor, na mediação, a posição de *o outro*, o que acontece é que toda atividade textual será inevitavelmente uma

---

<sup>1</sup> E-mail: edncampos@terra.com.br.

experiência dialógica. E, aí, como condição de todo ato dialógico, o locutor assume uma certa exterioridade com a qual se torna possível fixar, na relação, uma certa excedência – um certo projeto de produção de sentido – dentro da qual o sentido ganha a relatividade de uma certa completude ou de um certo acabamento. Isso faz a experiência de comunicação do texto, ou do gênero, participar da condição da relativa estabilidade de seu uso.

A partir disso, surgem alguns desdobramentos que vão desembocar numa caracterização dialógica de gênero, considerando-o do ponto de vista da especificidade da Divulgação Científica (DC).

Dizendo que tal gênero pode ser identificado, concisamente, pelo emblema *Eu falo pelos outros para os outros*, pode-se pensá-lo como o modo de organização da experiência com o todo, ou seja, com o conjunto das experiências dialógicas, ou como o conjunto das experiências de relação dialógica presentes no jogo interlocutivo, enunciativo e discursivo do texto. (MACHADO, 1997) É esse, pois, o emblema que registra um conjunto de posições assumidas por aqueles que ocupam os lugares simbólicos de eu, onde se situa a posição de *um* articulada com a posição de *o outro*.

Ocupando uma certa posição enunciativa, aquele que diz *eu* figura no texto como *o mediador*, ou seja, como o Divulgador (DV). E como tal diz o que *o especialista* diz (*a Ciência*), destinando o que aí se diz ao universo de sentido das experiências de linguagem que constituem aquilo que diz o *não-especialista* (o Público). Nesse quadro, em que se configuram papéis, o Divulgador articula a Enunciação e o Discurso da Ciência (E1D1) no esforço discursivo de tentar a aproximação de tal experiência de linguagem, valendo-se, na mediação, da experiência da Enunciação e do Discurso do Público (E2D2), efetuando, com isso, a impureza de linguagem, em que a mescla de variedades se contaminam, mutuamente envolvidas, com a materialidade do jogo das relações semânticas, pois aí ocorre a mediação das relações simbólicas, efetuando aquilo que é próprio do sentido da mediação: a determinação recíproca, a ultrapassagem, a condensação.

Nesses termos, o nascimento do gênero DC acontece quando o divulgador assume, como mediador, uma dupla posição de exterioridade, que é a posição do eu em relação a E1D1 (Ciência) e a posição desse mesmo eu em relação a E2D2 (Público), gerando uma experiência ternária, que é, em outros termos, a do cruzamento das duas enunciações. Surge, pois, E3D3: a enunciação e o discurso da divulgação de informações do especialista para o não-especialista, o que, em outras palavras, significa dizer, repetindo, o seguinte “slogan” peculiar ao gênero DC: *Eu falo pelos outros para os outros*. (AUTHIER-REVUZ, 1998)

A posição de Divulgador, dizendo *eu* é a de quem na linguagem do gênero DC opera com a produção de um relato: DV conta o que o especialista diz, endereçando esse dito ao não-especialista. E assim, fazendo, opera com empenho discursivo de aproximar o Público da Ciência, o que se verifica, gramaticalmente, no âmbito sintático das relações das orações no período, é a construção de um período composto por subordinação, caracterizável descritivamente pelo molde sintático *x dizer que* (AUTHIER-REVUZ, 1998). Tal molde gramatical caracteriza os procedimentos narrativos do Discurso Direto e do Discurso Indireto. É o que explica, pois, a relação da oração principal com a oração subordinada substantiva objetiva direta. (Veja-se o Anexo I)

Em tal anexo, no texto intitulado *Sem desperdício*, dentro da Seção *quemdiria!*, do Caderno *Folhaequilíbrio*, editado pela Folha de S.Paulo, em 15 de maio de 2003, DV formula **três** períodos.

#### **Eis o terceiro período:**

*“Já as não-climatéricas, como a tangerina (foto), não amadurecem depois de colhidas, por isso duram mais e são mais fáceis de serem conservadas, diz a engenheira agrônoma Elizabeth Torres, da USP.”*

**Oração Principal:** “diz a engenheira agrônoma Elizabeth Torres, da USP.”

**Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta:** “*Já as não-climatéricas, como a tangerina (foto), não amadurecem depois de colhidas, por isso duram mais e são mais fáceis de serem conservadas,...*”

Aliás, a Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta é constituída pelas três orações coordenadas que, no período composto, por coordenação e subordinação, desempenham a função sintática de objeto direto do verbo transitivo da oração principal: “diz a engenheira agrônoma *Elizabeth Torres, da USP*.”

#### **Observe-se o segundo período:**

*“As climatéricas, como a maçã, têm muita polpa e devem ser consumidas mais rapidamente, pois amadurecem fora do pé.”*

Em oposição ao **terceiro** período, a ele articulado sintaticamente pela marca explícita do conectivo “já”, o **segundo** desempenha, paralelamente, a função sintática de objeto direto do mesmo verbo transitivo direto que aparece na oração principal do **terceiro** período. Dizendo de outro jeito tem-se o seguinte:

**Oração Principal:** “*diz a engenheira agrônoma Elizabeth Torres, da USP.*”

**Oração Subordinada Substantiva Objetiva Direta:** “*As climáticas, como a maçã, têm muita polpa e devem ser consumidas mais rapidamente, pois amadurecem fora do pé.*”

O **segundo** período, paralelo ao **terceiro**, é composto, pois, por coordenação e subordinação: aí, as três coordenadas desempenham, também, a função sintática de objeto direto da oração principal.

Considerando a análise desses dois períodos, o que se pode, então, observar é o seguinte: DV, ao dizer eu, diz, em Discurso Direto, para o não-especialista, aquilo que o especialista diz. Vale lembrar o seguinte: **x dizer** é molde sintático da oração principal, marcada subordinativamente pelo conectivo **que**. Ou seja, o divulgador procura aproximar, discursivamente, uma enunciação de outra através desse relato em que um discurso ocorre dentro de outro. Por isso, o caráter didático, diretamente esclarecedor, da coordenação, numa linguagem mesclada com a variação lingüística da Ciência e do Público, tem a sua justificativa enunciativo-discursiva assegurada: o objeto direto, realização sintática das coordenadas, dentro do período composto por subordinação e coordenação, é aquilo que diz o Cientista, numa linguagem mesclada com as impurezas da variedade de linguagem do Público, na voz mediadora do Divulgador, uma espécie de ventríloquo, que relata ou narra as conquistas da ciência para o público, articulando, enfim, o movimento das enunciações: E1D1 e E2D2. É ele, DV, o que executa o papel de agente da determinação recíproca das enunciações do especialista e do não-especialista, colocando-as em movimento de infiltração semântica com o que se espera a conquista discursiva do Público no esforço de aproximá-lo das descobertas da Ciência, o que é constitutivo, pois, da terceira enunciação, que tipifica o gênero DC: E3D3.

Considerando-se agora o **primeiro** período do mesmo texto, *Sem desperdício*, dentro do mesmo Anexo I.

**Primeiro período:**

“*Planeje a compra de frutas cientificamente.*”

Nesse **primeiro** período, em que aparece uma oração absoluta, abrindo o texto, o termo “*de frutas*”, complemento nominal do substantivo do núcleo nominal, “a compra”, observa-se a articulação de tal complemento com o sujeito “*As climáticas*” do **segundo** e com o sujeito “*As não-climáticas*” do **terceiro período**. Tais termos, com tais funções, acabam por promover a articulação dos três períodos do texto, relacionando, entre si, as orações por um mecanismo coesivo, quando o que aparece como hiperônimo (o que é geral: “*de frutas*”) se articula com o que aparece como hipônimo (o que é específico na relação com “*de frutas*”: “*As climáticas*” e “*as não-climáticas*”). Pode-se, desse modo, ler dialogicamente as articulações efetuadas: o que aparece como termo comum à linguagem do especialista e do não-especialista, na qualidade de complemento nominal, na oração absoluta, acaba sendo marcado enquanto *um* pela força constitutiva do *outro* – a heterogeneidade mostrada – presente nos termos dos sujeitos das orações coordenadas que atuam como objeto da oração principal dos dois períodos respectivos em que aparecem. Ou seja, o complemento nominal, um termo comum à variedade lingüística de C (Ciência) e P (Público), é marcado pela força constitutiva do sujeito, um termo especializado, privativo do universo da variedade lingüística privativa de C.O que pode também ser pensado, com a determinação recíproca, nos seguintes termos: o termo lingüístico, comum a C e P, é marcado constitutivamente por um termo lingüístico, privativo de C.É, pois, o que se pode pensar: o mecanismo coesivo da relação geral/específico, hiperonímia/hiponímia, ao articular os termos da oração, complemento nominal e sujeito, nos três períodos observados, acaba por revelar a força dialógica do gênero DC, possibilitando, com isso, no plano da articulação sintático-semântica, a aproximação discursiva de uma enunciação a outra, a da Ciência com o Público. Nisso, então, reside a ambigüidade lingüística que é constitutiva de E3D3: os locutores e interlocutores da Divulgação Científica operam com a ambigüidade lingüística materializada na ação das duas enunciações: a de C (E1D1) e de P (E2D2).

Já que a presença de DC fica assim caracterizada, no movimento dialógico dos termos da oração, como termos do universo de uso das enunciações da Ciência e do Público, dentro dos três períodos, é possível ver um outro movimento dialógico que se constrói no movimento sintático-gramatical dos termos da

oração, multiplicando as possibilidades de ação lingüística dos interlocutores das duas enunciações no corpo do movimento da enunciação resultante: a enunciação ternária, de DC (E3D3).

Agora, pode-se pensar na articulação sintática do sujeito com o aposto no **segundo** e no **terceiro** períodos respectivamente. De um lado, tem-se, no **segundo** período, o termo “*como a maçã*”, termo comum às linguagens de C e P, que desempenha a função sintática de aposto do sujeito “*As climatéricas*”, termo privativo da variedade lingüística de C. De outro lado, tem-se, no **terceiro** período, paralelamente ao **segundo**, do ponto de vista sintático, o termo “*como a tangerina*”, termo comum às linguagens de C e P, desempenhando a função sintática de aposto do sujeito “*As não-climatéricas*”, termo privativo variedade lingüística de C. O que se tem, pois, com a constituição do inciso que figura a realização sintática do aposto, marcado pelo sinal de pontuação das vírgulas sinalizadoras do intervalo da incisão, é a presença dialógica do *outro*, a voz de P como força de heterogeneidade constitutiva da voz do especialista, presente nos termos da linguagem de C que aparecem como sujeito. E se pensarmos, novamente, que uma ação dialógica acontece como experiência de mediação, ou de determinação recíproca, dos interlocutores das diversas enunciações em movimento – *Eu falo pelos outros para os outros* – os termos da função de sujeito, constituintes da voz de *um*, podem aparecer como determinados pelo constituinte da voz do *outro*, termo na função de aposto. Ou seja, poderão, como sujeito, em outros termos, ser pensados como determinados (marcas da voz do *outro*) pelo aposto, (marcas da voz do *um*) quando a heterogeneidade constitutiva, passaria a ser, então, a força dos termos privativos de C (“*As climatéricas*” e “*as não-climatéricas*”) em relação com os termos comuns a C e P (“*como a maçã*” e “*como a tangerina*”). Ou seja, os sujeitos aqui analisados, “*As climatéricas*” e as “*não-climatéricas*” seriam, nesses termos, o *outro*, ou a força da heterogeneidade constitutiva dos apostos “*como a tangerina*” e “*como a maçã*”, ocupantes da posição dialógica de *um*.

A análise que acaba de ser apresentada propõe algumas considerações:

1. A dimensão descritiva das orações e de seus termos reflete o tratamento de grande parte das gramáticas chamadas tradicionais e dos livros didáticos que delas se alimentam. Nesse tratamento, os termos da oração são classificados como constituintes sintáticos que obedecem a uma certa configuração de papéis que os coloca, por exemplo, numa certa hierarquia: termos essenciais, integrantes e acessórios. Do ponto de vista da análise dialógica do uso dos termos da oração, analisados dentro do texto *Sem desperdício* (Anexo 1), um aposto é tão essencial quanto um sujeito e um complemento nominal é tão essencial quanto a essencialidade do sujeito. Disso resulta um pressuposto que decorre da sintaxe em uso, no texto, nos termos do dialogismo do gênero DC: o que determina a posição sintática de um termo não é o lugar que o termo ocupa na hierarquização dos papéis sintáticos, mas o lugar que ele ocupa na relação dialógica, em que o termo que ocupa o lugar de *um* seja constitutivamente determinado pela força da heterogeneidade daquele termo que ocupa a posição de o *outro*. Ou seja, o dialogismo de gênero romperia com a força descritiva dos termos da oração fundada numa hierarquização que desenha uma configuração de papéis sintáticos, repetindo, descritos como essenciais, integrantes e acessórios.

2. O dialogismo presente no gênero DC, nos termos da análise proposta, está evidenciando um conjunto de eventos lingüísticos que, ainda, não podem ser vistos como traços da regularidade científica da rotina (MAINGUENEAU, 2001) de um gênero, nos termos da experiência do jornalismo brasileiro de DC, embora possam e devam ser vistos como pistas para uma linha de pesquisa que poderia ser reconhecida como *O movimento dialógico da sintaxe do Gênero DC na determinação da gramática de uso em funcionamento no texto*. Tais eventos, sem desconsiderar muitos outros que, aqui, até então, não foram observados e analisados, poderiam ser os seguintes:

2.1. O movimento dialógico do gênero DC atravessa ou determina a constituição das orações no período composto por coordenação e subordinação: o movimento extra-oracional das orações; tal movimento constituiria, ainda, a articulação dos termos da oração com os quais as orações seriam ligadas entre si nos diversos períodos em que estão presentes (mecanismo de articulação extra-oracional); finalmente, esse mesmo movimento articularia os termos da oração, dentro de cada oração em cada um dos períodos em que se encontram (mecanismo de articulação intra-oracional).

A análise proposta, até então, se propõe a dar conta do seguinte quadro lingüístico: a mesclagem dialógica externa das orações; a mesclagem externa das orações com a mesclagem privativa de seus termos e a mesclagem interna de uma oração com a ação privativa dos termos de cada uma das orações como fatos de gramática de um gênero (DC), pensado nos termos das exigências dialógicas de sua prática enunciativo-discursiva.

### 3. Conclusão

Esta comunicação pretende fazer, a partir do exposto, outras considerações a título de fecho que se abre para os seguintes aspectos: de um lado, para determinadas posições teórico-metodológicas; de outro, para alguns desdobramentos, a título de implicações, que fariam parte de um quadro de sugestões destinadas a orientar, mais criticamente, a organização de uma teoria da leitura e produção de textos.

Com relação ao primeiro aspecto, assume-se aqui a posição de que um dos objetos de ensino-aprendizagem de Língua Portuguesa, em qualquer nível de escolaridade que se proponha a estudar a sua gramática, precisa ser a interação lingüística. (COSTA VAL, 1992) Além do mais, tal gramática precisa ser observada no funcionamento do corpo do texto. (COSTA VAL, 2002). Mas tal funcionamento precisa ser tratado a partir das condições dialógicas que orientam a prática enunciativo-discursiva da linguagem e que fazem, de modo particular, a configuração do objeto gênero textual. (CAMPOS, 2006)

Com relação ao segundo aspecto, pode-se dizer que o ensino-aprendizagem de gramática precisa dar conta da sistematização do perfil lingüístico dos usuários de um gênero, pois na mediação que preside a relação interlocutiva, aquele que lê, por exemplo, tem a sua imagem, projetada, em parte, pela posição de quem escreve. É de se supor, assim, que a sistematização do perfil lingüístico-gramatical, na leitura e produção de textos, possa ser decisiva para o domínio da linguagem pressuposta pela ação de um gênero: a abordagem da sintaxe das orações, que é, aqui, nesta comunicação, esboçada, poderia ser matéria a ser constituída tendo em vista a constituição de uma crítica da direção de tal pensamento.

Ainda dentro desse segundo aspecto, o perfil de quem escreve e lê, a partir das sugestões da análise do texto *Sem desperdício* (Anexo 1) pode sofrer outros desdobramentos. Esse perfil pode ser traçado a partir do cruzamento de vários, outros, aspectos mais específicos. Entre eles, podem ser localizados desde aquele que trata da moralização prevista na ação de escrever e ler até aqueles que indiciam a constituição social promovida pela ação de gênero com a escrita ou a constituição do gênero como força simbólica de construção e reprodução social, considerando-se, aí, o nascimento social do próprio gênero, do Divulgador, da imagem da Ciência e do Público ou da atividade científica pressuposta pela ação da linguagem com a ação socializadora pressuposta pelo gênero e seus suportes.

Observando mais imediatamente a especificidade desse segundo conjunto de aspectos, pode-se dizer que o perfil do leitor do texto *Sem desperdício* (Anexo 1) pode sugerir muitas considerações.

Por exemplo, o caráter injuntivo do tipo textual aí presente delimitaria o perfil de quem escreve e lê. Ao assumir tal caráter, quem escreve o texto faz o Divulgador assumir, mais explicitamente, com o imperativo no corpo do verbo “*planejar*”, a força de direção que seria exercida sobre o leitor de DC, indiciando, com tal diretividade, uma ação moralizante, pois a Ciência passaria a ser considerada como aquela força equilibradora dos gastos domésticos, pensando-se no tema da *administração do lar* como aquele campo semântico mais abstrato de onde derivariam a dimensão concreta do assunto, *Frutas*, e o aspecto principal do assunto: *o planejamento científico das compras*.

Assim pensando, uma outra consideração sugere que o texto de DC, num plano menos imediato de leitura, seria aquela força enunciativo-discursiva que rotinizaria para o Divulgador o papel de um agente que, em parte, operaria na constituição lingüística do perfil de um possível leitor feminino voltado para a intimidade das questões domésticas do lar. Pensando-se nesse leitor, o que dizer dos traços lingüístico-gramaticais do uso das orações coordenadas na disseminação que facilita o acesso às informações sobre a cientificidade das frutas?

Saindo desses traços mais estritamente lingüístico-gramaticais, acredita-se que seria oportuno considerar outras questões. Não seria o leitor aí presentificado uma figura simbólica pertencente a extratos do consumo de classe-média, tendo no texto a sua posição social legitimada pela ação do gênero DC? Tal leitor não estaria sendo colocado, pelo gênero DC, na posição de quem é produzido, simbolicamente, para executar a tarefa de desenhar para a Ciência a imagem de uma prática de consumo, moralizadora e ideologizante, com a qual a atividade científica possibilitaria a salvação para os gastos que geram conflitos no lar? Não estaria, aí, a leitura da Ciência sendo tratada como a força que constrói, reforçando ou não, um escritor e um leitor, politicamente orientados para se surpreenderem, superficialmente, com as descobertas milagrosas da Ciência em seu cotidiano? Veja-se o título da seção – quem **diria!** – proposto pelo caderno *Folhaequilíbrio*. A leitura da Ciência estaria sendo reduzida a essas manifestações? Ou a leitura das possibilidades da prática da ciência não estaria, na mediação autor-leitor, indiciando a manifestação de um olhar mais crítico sobre o mundo?

Outras considerações, do ponto de vista da constituição social do gênero DC, acabam - acredita-se - por lançar luz, sobre alguns dos determinantes econômico-sociais que estariam presentes na manifestação concreta da historicidade de tal gênero.

O leitor que está na posição de lidar com o texto de DC, pela ação mediadora do divulgador pressuposta por tal gênero, seria aquele agente social que está sendo sujeito às restrições que o impediriam de produzir Ciência. Numa sociedade marcada pela divisão social do trabalho, as pessoas são separadas, enquanto agentes sociais, pelo trabalho que executam: aquele produz Ciência estaria sendo separado daquele que a consome na posição de leigo, Público. Na organização dessa sociedade, o Divulgador seria mais uma criação social para executar, com o seu trabalho de linguagem, a ação socializadora de aproximar discursivamente, os saberes socialmente constituídos pela divisão, sendo ele próprio mais um dos agentes aí produzidos pela divisão. Disso decorrem considerações particulares que seriam atraentes do ponto de vista de uma crítica dos usos da linguagem.

Por exemplo, não seria o estudo do perfil lingüístico, enunciativo-discursivo, do ponto de vista da gramática em uso dialógico no texto, um aspecto a ser considerado na construção dos usuários da linguagem do gênero DC? Num outro nível de observação, a construção lingüística do contexto sócio-econômico que preside a constituição do texto, não seria passível de ser observada no próprio contexto do texto? Em outros termos, não estaria esse contexto social sendo desenhado lingüisticamente no corpo do texto? Disso decorre, aqui se pensa assim, um certo questionamento que envolve o estudo de texto. Não haveria para o estudo de texto a obrigação sistemática de ler esse contexto desenhado lingüisticamente – tarefa constituinte da produção e da leitura de textos – com a operação da articulação de sentido que desse conta da especificidade histórica da ação social de linguagem materializada na ação socializadora dos gêneros textuais ?

Finalmente, algumas considerações que nascem das questões anteriores, podem ajudar no pensamento que refletiria sobre os limites e possibilidades do gênero DC. Seria possível pensar que tal gênero democratizaria o acesso do público que recebe Ciência aos espaços da produção da atividade científica, reduzindo o fosso da alienação que separa a produção e a recepção dos produtos da sociedade? Ou tal gênero seria mais uma das mercadorias para disciplinar a divisão do corpo social com as malhas do tecido lingüístico do texto e com o suporte do jornalismo massivo contemporâneo na qualidade de mercadoria que vende mercadorias?

#### 4. Referências bibliográficas

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. A encenação da comunicação no discurso de Divulgação Científica. In: AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. *Palavras incertas; as não-coincidências do dizer*. Campinas: Editora da Unicamp, 1998. p.107-131.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa (s). *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas; n. 19, jul./dez., p. 26-41.

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Dialogismo e Divulgação Científica. *Rua*; Campinas; n.5, mar., p.9-15.

BAKHTIN, Mikhail. A interação verbal. In: BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem; problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1979. p.130-140.

BAKHTIN, Mikhail. Os gêneros do discurso. In: BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997. p.277-326.

CAMPOS, Edson Nascimento. A dimensão discursiva do texto de Divulgação Científica (DC). In: MENDES, Eliana Amarante de Mendonça, OLIVEIRA, Paulo Motta; BENN-IBLER, Veronika. *O novo milênio: interfaces lingüísticas e literárias*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2001.p. 57-68.

CAMPOS, Edson Nascimento. Linguagem, Dialogia, Gênero e Leitura. In: MARI, Hugo; WALTY, Ivete; VERSIANI, Zélia. (Org.) *Ensaio sobre Leitura*. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2005. p.118-137.

CAMPOS, Edson Nascimento. *Gramática para a reflexão do uso: o tratamento lingüístico-gramatical-discursivo sob o dialogismo de gênero, na leitura de textos de Divulgação Científica - Uma proposta de renovação*. Belo Horizonte: FALE / UFMG / Concurso Público para Professor Adjunto, 2006. (Projeto de Pesquisa: Inédito)

COSTA VAL, Maria da Graça. A interação lingüística como objeto de ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa. *Educação em Revista*, v.7, n. 16, p.23-30,1992.

COSTA VAL, Maria da Graça. A gramática do texto, no texto. *Revista de Estudos da Linguagem*. v.10, n. 2. p.107-133. 2002.

CURY, Maria Zilda Ferreira. Escrever e ler: faces da mesma moeda. *Vertentes*. São João del-Rei, n.9, p. 75-83, 1997.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem & Diálogo*; as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin. Curitiba: Criar Edições, 2003.

FOLHA de São Paulo. *Sem desperdício*. Caderno Follhaequillíbrio, Seção:quemdiria!, 15 mai. 2003, p.3.

MACHADO, Irene A. Os Gêneros e o Corpo do Acabamento Estético. In: BRAIT, Beth. (Org.) *Bakhtin, Dialogismo e Construção do Sentido*. Campinas: Editora da Unicamp, 1997.p. 141-158.

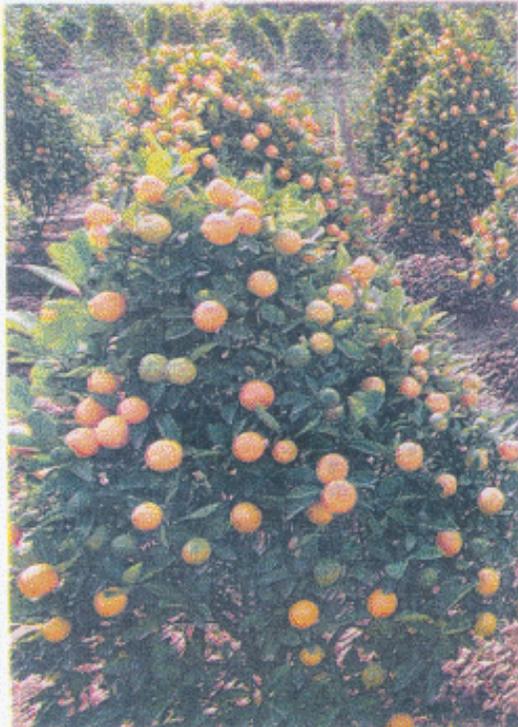
MAINGUENEAU, Dominique. *Análise de Textos de Comunicação*. São Paulo: Cortez, 2001. .

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONÍSIO, Ângela Paiva *et al.* *Gêneros Textuais & Ensino*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2002.

TEZZA, Cristóvão. Polifonia e Ética. *Revista Brasileira de Cultura*, São Paulo, n.59, p.60-63. jul. 2002 (Ensaio).

# quemdiria!

Hoang Dinh Nam/France Presse



## Sem desperdício

Planeje a compra de frutas cientificamente. As climáticas, como a maçã, têm muita polpa e devem ser consumidas mais rapidamente, pois amadurecem fora do pé. Já as não-climáticas, como a tangerina (foto), não amadurecem depois de colhidas, por isso duram mais e são mais fáceis de serem conservadas, diz a engenheira agrônoma Elizabeth Torres, da USP.

Antonio Pirozzelli/Folha Imagem



## Mais forte de manhã

Em geral, o cheiro da urina é bem sutil. Há, porém, situações que alteram tanto seu odor como sua aparência. De manhã, o cheiro e a cor tendem a ser mais fortes, porque a urina está mais concentrada. Alguns complexos vitamínicos, remédios e alimentos — como a beterraba — também modificam a aparência da urina, explica o urologista Joaquim de Almeida Claro.

Márcio Fernandes/Folha Imagem



## Leite hidratante

Além de ser o melhor alimento para o bebê, o leite materno funciona como hidratante! “Deixar um pouco de leite na mama após a mamada ajuda a hidratar o local”, afirma o ginecologista Renato Kalil. Outras dicas para evitar ressecamento e rachaduras dos mamilos: trocar o sabonete comum pelo neutro, fazer compressas com chá de camomila e tomar banho de luz.